



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

JOSEANE DE SOUSA FERREIRA

**OS ELEMENTOS SÍGNICOS NAS CHARGES: APLICAÇÃO DA SEMIÓTICA
PEIRCEANA**

ABAETETUBA-PA

2017

JOSEANE DE SOUSA FERREIRA

**OS ELEMENTOS SÍGNICOS NAS CHARGES: APLICAÇÃO DA SEMIÓTICA
PEIRCEANA**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo apresentado à Faculdade de Ciências da Linguagem, como requisito para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras- Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará campus Abaetetuba.

Orientador: Prof. Me. José Eduardo Pastana Silva.

ABAETETUBA-PA

2017

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

F383e Ferreira, Joseane de Sousa.
Os elementos sígnicos nas charges: : aplicação da semiótica
Peirceana / Joseane de Sousa Ferreira. — 2017.
19 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Me. José Eduardo Pastana Silva
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de
Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2017.

1. Semiótica Peirciana. 2. Signo. 3. Charges. I. Título.

CDD 401.41

OS ELEMENTOS SÍGNICOS NAS CHARGES: APLICAÇÃO DA SEMIÓTICA PEIRCEANA

José Eduardo Pastana Silva¹

Joseane de Sousa Ferreira²

RESUMO

A semiótica inglesa vem se desenvolvendo cada vez mais nas últimas décadas. O presente trabalho tem como objetivo principal analisar duas charges sob a ótica peirceana, considerando a tríade do signo em relação ao seu objeto: os aspectos: qualitativos, indiciais e simbólicos. Para isso, foi feita uma pesquisa bibliográfica, pautada nos teóricos, Peirce (2010), Santaella (2001), Maingueneau (2008), Dionísio (2005) e Orlandi (1999).

Palavras-chaves: Simiótica Peirciana, Signo, Charges.

ABSTRACT

The english semiotics has evoluated in the last decades . the main objective of this work is to analyse two charges under the semiotics theory, considering the aspects: qualitative, indicial e symbolics, for this, it was conducted a bibliographical reaserch based on the authors, Peirce (2010), Santaella (2001) Maingueneau (2007) Dionísio (2005) Orlandi (1999).

Key-words: Semiotics, Sign, Charge.

1 INTRODUÇÃO

Em todas as atividades humanas a língua é, sem dúvida, uma das principais ferramentas para que as interações sociais aconteçam. O ser humano por ser dotado de razão e vontade, constantemente avalia, julga, critica, ou seja, forma juízos de valor, como expõe Koch (2000). Assim, pode-se inferir que nas manifestações textuais (verbais ou não), demonstram-se formas de agir e de pensar diante dos fatos, pois por meio dos textos, posicionam-se juízos de valor enquanto sujeitos críticos.

¹ Graduanda do curso de Licenciatura Plena em Letras pela Universidade Federal do Pará.

² Professor mestre orientador do curso de Licenciatura Plena em Letras pela Universidade Federal do Pará.

Nesse contexto de comunicação, ao interagir com o leitor e com a linguagem, o produtor da mensagem utiliza os recursos linguísticos e expressivos (os gêneros discursivos) para colocar em prática seus anseios numa dada situação comunicativa, já que a linguagem oferece a este produtor todos os mecanismos necessários para interagir com seu leitor, de forma a obter dele determinadas ações.

Uma das formas de manifestar o pensamento é por meio das charges que não são apenas ilustrações que refletem a opinião de quem desenha, mas são tipos de enunciados que podem ser objeto de uma rica análise discursiva. As charges carregam mensagens implícitas e são ricas em simbologias. Assim, surge como ponto fundamental a Semiótica que teve início no século XIX, aonde a linguagem apresenta-se como objeto de investigação.

Para uma melhor compreensão desse novo ramo científico, toma-se como alicerce e sustentação a teoria arquitetada pelo matemático, cientista, lógico e filósofo norte-americano, Charles Sanders Peirce (1839-1914), considerado o pai da Semiótica. Este desenvolve sua teoria tendo como base a fenomenologia, a qual buscava entender a descrição de experiências, ou seja, tudo aquilo que aparece à mente humana sendo real ou não como objeto de análise.

Como base, Maria Lúcia Santaella Braga, uma das mais importantes manifestadoras da Semiótica Peirceana no Brasil, da qual se falará muito no decorrer deste trabalho, aponta em seu livro intitulado "Semiótica Aplicada" que a Semiótica de Peirce não é uma ciência como são as outras ciências. Ela se diferencia das outras por se tratar de uma disciplina que engloba uma arquitetura filosófica geral e abstrata "que investiga os modos como aprendemos qualquer coisa que aparece à mente." (SANTAELLA, 2008, p. 02)

Nesse sentido, pode-se considerar que o estudo associado à semiótica consiste como a ciência que estuda os signos. Uma das suas grandes contribuições é desvendar as inúmeras possibilidades de leitura de uma charge. Portanto, a Semiótica e a charge estão diretamente ligadas, pois ambas precisam dos signos seja para estudá-los, seja para transmiti-los em forma de mensagem ao leitor. Daí surgiu o interesse em fazer um estudo sobre Semiótica e Charge, mas precisamente focando a Semiótica Peirceana, para decifração dos signos contidos nas charges. Com efeito, de mostrar que as charges são importantes para manifestar a realidade de como a injustiça social pode estar explícita a partir das representações simbólicas.

2 METODOLOGIA

O presente trabalho aborda como tema as representações de duas charges que evidencia o quanto é péssimo o atendimento do SUS (Sistema Único de Saúde). Em seu desdobramento, procura-se analisar por intermédio da Semiótica Peirceana sob o ponto de vista: qualitativo-icônico, que propõe a análise dos aspectos qualitativos das imagens; singular-indicativo, no qual as imagens são observadas junto a sua função social e meio de produção; e o ponto de vista convencional-simbólico que se trata de analisar a mensagem que cada charge quer passar.

A metodologia desenvolvida caracterizou-se como bibliográfica sobre o assunto em questão, levando em consideração que para Silveira e Córdova (2009, p. 37) “a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites” que a fundamentaram.

3 SEMIÓTICA PEIRCIANA

Neste trabalho considerar-se-á a semiótica fundada por Charles Peirce. Pode-se afirmar que a mesma é um dos maiores recursos para o estudo da linguagem, pois abrange um leque de possibilidades para seu uso. Em um sentido geral, a Semiótica Peirceana caracteriza-se como uma área de estudo que busca o sentido de todas as coisas que circulam pelo universo.

O nome semiótica vem da raiz grega *semeion*, que quer dizer *signo*. Logo, a Semiótica é a ciência dos signos, de toda e qualquer linguagem verbal ou não-verbal. E preocupa-se em investigar tudo o que pode ser fonte de significação a partir da experiência do homem com o meio social no qual vive. Trata-se da ciência que tem como objeto de estudo a linguagem como interpretação do mundo. Segundo Santaella;

A Semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido. (SANTAELLA, 1983, p.02)

A base desta teoria parte da concepção de que a experiência fenomenológica se contempla pelo processo da observação e investigação abstrativa. Portanto, nota-se que a Semiótica expressa uma visão da experiência como dependente do signo, atrelada a impossibilidade de se construir o conhecimento sem a experiência. Peirce, (2010) conceitua semiótica como doutrina formal dos signos, ao afirmar que:

Em seu sentido geral, a lógica é, como acredito ter mostrado, apenas um outro nome para Semiótica (σημειωτική), a quase-necessária, ou formal, doutrina dos signos. Descrevendo a doutrina como “quase-necessária”, ou formal, quero dizer que observamos os caracteres de tais signos e, a partir dessa observação, por um processo a que não objetarei denominar Abstração, somos levados a afirmações, eminentemente falíveis e por isso, num certo sentido, de modo algum necessárias, a respeito do que devem ser os caracteres de todos os signos utilizados por uma inteligência “científica”, isto é, por uma inteligência capaz de aprender através da experiência.. (PEIRCE, 2010, p.45)

É disso que trata a Semiótica de Peirce: o modo como nós, seres humanos reconhecemos e interpretamos o mundo à nossa volta, a partir das inferências em nossa mente. Por conseguinte, existem três momentos que fazem parte do processo fenomenológico. Ao que Peirce (2010) chamou de Primeiridade, Secundidade e Terceiridade. As coisas do mundo, reais ou abstratos primeiro nos aparecem como qualidade, depois como relação com alguma coisa que já conhecemos e por fim, como interpretação, em que a mente consegue explicar o que captamos. Todo esse processo é feito pela mente a partir dos signos que compõem o pensamento e que se organizam em linguagens.

3.1 O SIGNO

Em se tratando do signo, Peirce (2010) afirma que um *signo* é a representação (*representamen*) de qualquer coisa que se apresenta à mente de alguém. Essa “coisa” se chamaria *objeto* e pode não se tratar do objeto tal qual ele é, e sim apenas algo que o remeta, que de alguma forma represente esse objeto. O qual pode ser existencial, imaginário ou até mesmo inimaginável. A partir do primeiro signo exposto à mente, esse alguém cria vários outros signos, chamado *interpretante*. Mas, para Peirce todo e qualquer signo representado, não chega à

mente por completo, e sim como uma vaga ideia desse objeto que ele denomina como fundamento do *representamen*, ou seja, o signo aparece à mente como uma mera ideia do objeto.

Um signo, ou *representamen* é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria, na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado denomino *interpretante* do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu *objeto*. Representa esse objeto não em todos os aspectos, mas com referência a um tipo de idéia que eu, por vezes, denominei *fundamento* do representâmen. (PEIRCE, 2010, p. 46)

De outro modo, tanto o signo como seu interpretante refere-se da mesma forma a um elemento, chamado de objeto, o que está sendo representado pelo signo. Logo, existe então uma relação triádica envolvendo o signo, o objeto e o interpretante. Nessa mesma linha de raciocínio, Santaella considera que:

O signo é uma coisa que representa uma outra coisa: seu objeto. Ele só pode funcionar como signo se carregar esse poder de representar, substituir uma outra coisa diferente dele. Ora, o signo não é o objeto. Ele apenas está no lugar do objeto. Portanto, ele só pode representar esse objeto de um certo modo e numa certa capacidade. (SANTAELLA, 1998, p.12)

3.2 RELAÇÃO SIGNO-OBJETO

O objeto sendo representado pelo signo pode ser um objeto perceptível, ou apenas imaginável dinâmico, assim, chega-se a conclusão de que um signo pode denotar qualquer objeto: sonhado, alucinado, existente, esperado, etc. Esse objeto é algo diferente do signo. Entretanto, deve-se guardar algum tipo de relação com o signo, de forma que autoriza este a representá-lo. Quando Peirce trata dos signos e objetos, alude para dois tipos de objetos: o Objeto Imediato que corresponde a primeira apresentação que o objeto indica à mente através do signo (representação mental) e o Objeto Dinâmico que é o objeto real, ou seja, trata-se do verdadeiro fenômeno do mundo real que se deseja que seja representado pelo signo. Santaella afirma:

Aquilo que provoca o signo é chamado de “objeto” (para sermos agora mais precisos: objeto dinâmico). O signo é determinado por alguma espécie de correspondência com esse objeto. Ora, a primeira

representação mental (e, portanto, já signo) dessa correspondência, ou seja, daquilo que o signo indica é denominado “objeto imediato” (SANTAELLA, 2000, p. 40)

Logo, o Objeto Imediato é inseparável do Objeto Dinâmico, pois para que um signo exista ele deve representar alguma coisa.

3.2.1. Ponto de vista qualitativo-icônico

Entende-se como Ícone quando um signo que em relação ao seu objeto pode ser confundido com ele de alguma forma. Assim, diz-se que um ícone apresenta alguma semelhança com o objeto representado. Isso porque ele tem como função apresentar apenas o seu estético, ou seja, tudo que o caracteriza como qualidade, como, por exemplo: cores, luminosidade, volumes, textura, etc. Isto não significa que essas características estéticas logo signifiquem alguma coisa, considera-se que esse primeiro momento ainda não seja visto com um signo por não haver representação entre o objeto e o significado. Santaella conclui que:

É por isso que, se o signo aparece como simples qualidade, na sua relação com seu objeto, ele só pode ser um ícone. Isso porque qualidades não representam nada. Elas se apresentam. Ora, se não representam, não podem funcionar como signo. Daí que o ícone seja sempre um quase-signo: algo que se dá à contemplação. (SANTAELLA, 1983, p.13)

O signo icônico tenta manter uma analogia com o objeto e para isso se apropria de alguma qualidade essencial dele. Neste caso, trata-se das aparências, É uma representação por similaridade, uma qualidade representativa ligada à primeira categoria fenomênica e considera-se que um signo por Primeiridade é uma imagem de seu objeto e, em termos mais estritos, só pode ser uma ideia, pois o mesmo afirma que: “A única maneira de comunicar diretamente uma ideia é através de um ícone; e todo método de comunicação indireta de uma ideia deve depender, para ser estabelecido, do uso de um ícone.” (PEIRCE apud NÖRTH, 2003, p. 85).

3.2.2 Ponto de vista singular-indicativo

Entende-se como Índice um signo que se relaciona com seu objeto no sentido em que esta relação existe naturalmente no mundo real. Santaella (2008, p.

42), estabelece que: “no índice, a relação entre signo e objeto é direta, visto que trata de uma relação entre existentes, singulares, factuais, isto é, conectados por uma ligação de fato”. Diz-se, portanto, que o índice representa seu objeto em virtude de ser diretamente afetado por ele. Esta categoria faz parte da Secundidade e está diretamente relacionada a concretização. Ainda Santaella:

O índice, como seu próprio nome diz, é um signo que como tal funciona porque indica uma outra coisa com a qual ele está actualmente ligado. Há, entre ambos, uma conexão de fato (...) Rastros, pegadas, resíduos, remanências são todos índices de alguma coisa que por lá passou deixando suas marcas. (SANTAELLA, 1983, p. 14).

Outro fato que merece atenção, conceituado por Peirce, afirma que:

Na medida que o Índice é afetado pelo Objeto, tem ele, necessariamente, alguma qualidade em comum com o Objeto, e é com respeito a estas qualidades que ele se refere ao Objeto. Portanto o Índice envolve uma espécie de Ícone, um ícone de tipo especial: e não é a mera semelhança com o seu objeto, mesmo que só aspecto que o torna um signo, mas sim sua efetividade pelo objeto (PEIRCE, 2010, p.52).

3.2.3. Ponto de vista convencional-simbólico

Pode-se entender como Símbolo como sendo um signo referente a um objeto denotado em virtude de uma associação de ideias produzidas por uma convenção. A característica do símbolo é, portanto, a arbitrariedade. Um símbolo não se encontra diretamente afetado pelo objeto, como no caso do índice, mas se conecta a este somente por força de uma convenção ou lei que o faz arbitrariamente. Para Peirce: “Um Símbolo é um signo que refere-se ao objeto que denota em virtude de uma lei, normalmente uma associação de ideias gerais que opera no sentido de fazer com que o Símbolo seja interpretado como se referindo àquele Objeto” (PEIRCE, 2010, p.52).

Os símbolos não dependem de uma conexão natural entre signo e objeto, sendo que esta conexão é artificialmente criada, somente para os propósitos de representação. Os exemplos a seguir mostram como se pode entender esse conceito: Qualquer palavra da nossa língua, a cor verde, representando o símbolo de esperança e a cor vermelha representando uma tragédia. No entanto, observa-se

que esta conexão pode ser totalmente arbitrária, já que historicamente, os símbolos têm uma origem em índices.

A diferença que existe neste caso, é que mesmo depois que a conexão natural entre signo e objeto deixa de existir, o signo continua representando seu objeto. Nesse caso, o símbolo possui uma dependência de convenção para significar, que consiste em ser uma regra que determinará seu interpretante. Ele somente surge a partir de outros símbolos e seu significado está ligado a um hábito natural ou convencional. É um signo que ao substituir o objeto gera um interpretante tacitamente aceito por um consentimento geral.

4. O GÊNERO CHARGE SOB A ÓTICA DA ANÁLISE DO DISCURSO

Os gêneros são textos orais ou escritos que circulam em nosso dia a dia como objeto facilitador de um processo de interação social. Segundo Marcuschi (2008) os gêneros textuais são como práticas sócio-históricas, que se caracterizam como tal de acordo com as suas estruturas, assuntos e estilos relacionados a fatores históricos, sociais, institucionais e tecnológicos.

Desse modo, uma das principais ferramentas existentes dentre a abrangente variação de gêneros textuais, encontra-se uma que é caracterizada como multimodal, pois interage através da linguagem escrita e linguagem visual, a saber, as charges. Estas se denominam como pequenos textos onde predomina a crítica e o humor associados aos diversos assuntos ocorrentes na sociedade. Mouco conceitua as charges:

Charge: crítica humorística de um fato ou acontecimento específico. É a reprodução gráfica de uma notícia já conhecida do público, segundo a percepção do desenhista. Apresenta-se tanto através de imagens quanto combinando imagem e texto. (MOUCO, 2007, p. 05)

As charges estruturam-se numa linguagem verbal e não verbal. Segundo Dionísio (2006, p.131), “imagem e palavra mantêm uma relação cada vez mais próxima, cada vez mais integrada”. Dionísio (2005) utilizar-se da multimodalidade, ou seja, dos múltiplos recursos semióticos (cores, formas, ilustrações, etc.) como sendo a melhor maneira para a construção de significados em um texto. Marcuschi (2005, p.19) também afirma que as charges constituem “formações interativas, multimodalizadas e flexíveis de organização social e de produção de sentidos”.

No Brasil, as charges surgiram como forma de expressão. O chargista utiliza-se de sua criatividade para denunciar/informar e transmitir sua indignação diante de algum fato político, cultural, social ou histórico. Através de um texto chárstico, o leitor emite críticas e opiniões sobre o assunto que está em pauta e a partir de seu conhecimento de mundo, do tema ou assunto abordado pode interpretar uma charge de diferentes maneiras. Pois as charges são alvo de inúmeras interpretações.

Dessa forma o gênero textual charge busca explorar o senso crítico e interpretativo do leitor, para melhor compreensão do mundo no qual se vive. Outra característica das charges é que elas são temporais, ou seja, surgem em torno de acontecimentos "visíveis", pois os lugares que tais textos costumam circular são revistas, sites, livros didáticos, noticiários de TV e, principalmente, em jornais. Por isso o leitor deve estar sempre informado a fatos do dia-a-dia para conseguir compreendê-la claramente.

Busca-se que o leitor reflita sobre os aspectos cotidianos, repassados nas charges e que comumente costumam vir permeados pela ironia, mascarando a real situação abordada pelas mesmas e, principalmente, pelo humor. De acordo com "o humor constitui uma forma de representação privilegiada da história das sociedades, pois desvenda o que está encoberto pela seriedade dos fatos".

O humor proporciona ao pensamento outra forma de perceber as relações cotidianas e sociais, ou, pelo menos, possibilita enxergar como está a realidade, com outros olhares. Contudo, o riso provocado pelo humor só é possível devido à existência de elementos próprios do discurso: enunciado, enunciação e produção de efeitos de sentido, especialmente, assim, para que o leitor possa compreender o que as charges significam ou pretendem explicar, é importante compreender a análise dos discursos.

Para seguir neste percurso, um dos caminhos possíveis é aberto pela Análise do Discurso (AD), tendo-o como um processo de análise discursiva, segundo Orlandi (1999), procura interrogar os sentidos estabelecidos em diversas formas de produção, que podem ser verbais (textos orais e escritos) e não verbais (imagens como a fotografia e linguagem corporal como a dança), bastando que sua materialidade produza sentidos para interpretação. Para a AD, o que interessa não é a organização linguística do texto, mas "o que o texto organiza em sua discursividade, em relação à ordem da língua e das coisas". Não analisamos o

sentido do texto, mas como o texto pode produzir sentidos. Assim, ao se analisar charges é preciso atenção para as estratégias que insinuam leituras e escrituras dentro da análise discursiva.

A análise do discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana.(ORLANDI, 2007, p. 15)

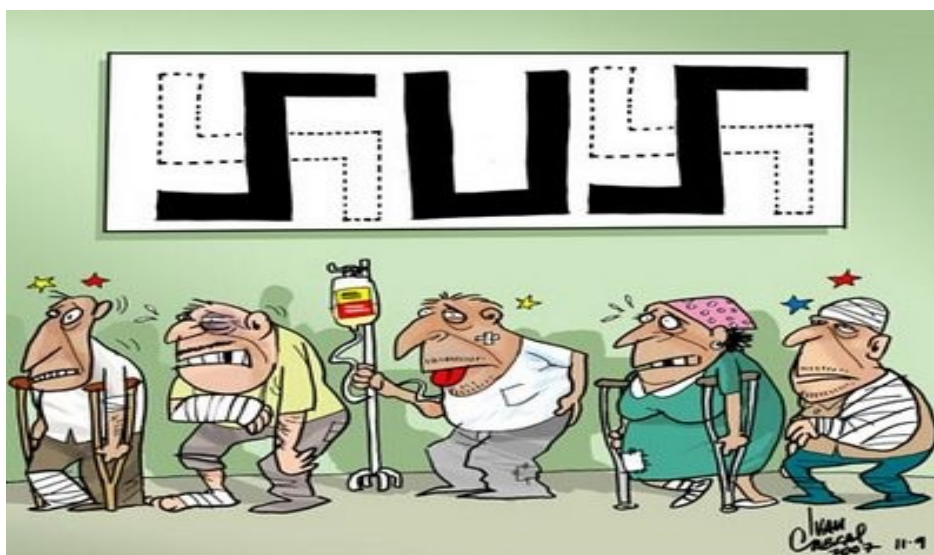
Quanto a isto, Maingueneau, cita que:

O discurso só adquire sentido no interior de um universo de outros discursos, lugar no qual ele deve traçar seu caminho. Para interpretar qualquer enunciado, é necessário relacioná-lo a muitos outros – outros enunciados que são comentados, parodiados, citados, etc. (MAINGUENEAU, 2008, p. 55)

5 ANÁLISE DAS CHARGES

5.1 CHARGE 1

Figura 1- Charge sobre SUS



Fonte: <http://cf2012-8f-grupo03.blogspot.com.br>. Acessado em: 25/06/2016

5.1.1. Ponto de vista qualitativo icônico

O objeto é uma imagem, conforme mostra a figura 1, na qual possui cinco pessoas em fila em uma sala de parede de cor verde e chão cinza, com uma placa escrita "SUS". "SUS" está escrito na cor preta e possui uns pontilhados cruzando os "esses" formando dois símbolos da suástica. Aquelas pessoas estão vestidas de maneira simples e apresentam fraturas nos pés, pernas, braços, mãos, cabeça e uma delas segura um soro que está inserido em sua veia.

A expressão daquelas pessoas, possivelmente, é de descontentamento, infelicidade, dor, angústia e desespero. A primeira pessoa da fila é do sexo masculino e está vestindo calça comprida marrom e camisa branca, ela está segurando muletas, pois está com a perna direita fraturada. Claramente, a expressão do seu rosto é de dor que pode ser confirmada através da presença de duas estrelas acima de sua cabeça.

O segundo da fila é do gênero masculino, no qual está vestindo uma calça cinza e camiseta amarela, a sua aparência é de uma pessoa bem humilde, pois se observa a falta de dentição. Ele está com o pé e braço direito quebrados, seus olhos estão semiabertos e roxos, a sua dor é expressas através de gotinhas de lágrimas que saem dos seus olhos.

A terceira pessoa na fila é um homem também, está vestindo uma camisa branca e calça de uma cinza apagada, sua calça está com remendo o que indica uma pessoa de carência financeira. Na sua mão direita, aquele homem segura um suporte com um soro ligado ao braço direito e sua mão esquerda está nas costas, o que possivelmente, pode-se verificar que deve está com dor nas costas. Seu rosto expressa o sofrimento através de sua língua para fora de sua boca e um esparadrapo colado em sua face esquerda. Seus olhos estão semiabertos e de sua cabeça sai uma estrela amarela indicando seu mal estar.

A quarta pessoa na fila é uma senhora que está vestindo um vestido verde de gola branca com remendo nítido da cor branca, em sua cabeça um lenço na cor rosa. Seus trajés demonstram uma pessoa carente, o que pode ser confirmado, também, pela ausência de um de seus dentes. Ela segura muletas, pois se encontra com a perna direita quebrada. Seu rosto mostra a dor que pode ser confirmada através das lágrimas saindo do seu olho.

A quinta pessoa na fila é um homem vestindo calça comprida azul e camisa marrom, encontra-se com o braço esquerdo e cabeça quebrados. Sua dor está definida por sua expressão de olhos quase fechados e olhando para o alto. Em cima

de sua cabeça, verificam-se duas estrelas de cores azul e vermelha que podem confirmar a dor que aquele homem sente.

5.1.2 Ponto de vista singular-indicativo

Ao relacionar o tempo e espaço da imagem, verifica-se que o espaço, possivelmente, representa a sala de espera de um hospital, pois a placa com o escrito de “SUS” significa a sigla de Sistema Único de Saúde que é o órgão do Governo responsável pelo atendimento de pessoas doentes e sem possibilidade de pagar plano de saúde. As cores calmas do chão e da parede indicam, também, um ambiente hospitalar. As pessoas estão em fila e são pacientes e usuários do SUS à espera de atendimento em um hospital em busca de serviço médico público.

5.1.3 Ponto de vista convencional-simbólico

A imagem demonstra o atendimento precário que o “SUS” oferece aos pacientes carentes que necessitam de atendimento médico. Em segundo plano o símbolo da suástica remete uma comparação com o nazismo devido às longas esperas por atendimento e ao serviço oferecido pelo SUS, tanto na saúde e no nazismo as longas filas de espera representavam a morte. O paciente mesmo com a saúde muito debilitada é refém, por não possuir condições de pagar plano de saúde particular. Refém das longas filas de espera, do mau atendimento, da falta de médicos e da impossibilidade de realizar exames. Fatos esses que levam alguns pacientes a óbito, exatamente como os judeus padeceram para os nazistas em fila e com longas esperas até a morte.

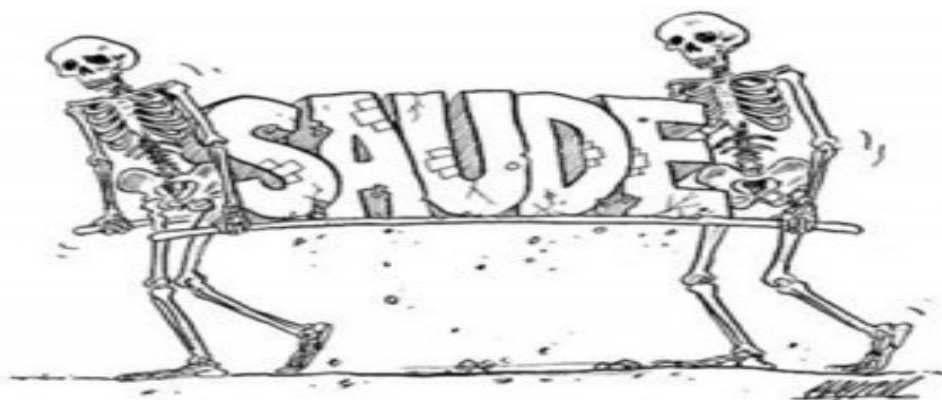
O Sistema de Saúde Brasileiro, o SUS-Sistema Único de Saúde. Conforme o Artigo 21 proclamado na Declaração Universal dos Direitos Humanos, através de Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948 e Assinado pelo Brasil na mesma data, “§2. *Toda pessoa tem igual direito de acesso ao serviço público do seu país.* No Brasil, a Constituição Federal de 1988 contempla a saúde como direito social e dever do estado, estruturando a área da saúde pública. A criação e a implementação gradativa do SUS podem vir a ser consideradas como uma das reformas sociais mais importantes realizadas pelo Brasil na última década do século XX.

O SUS tem entre seus princípios básicos a universalidade do atendimento, isto é, proporcionar à população brasileira acesso às ações e aos serviços de saúde, através de entidades vinculadas ao sistema, observando os princípios da equidade, da integralidade, da resolutividade e da gratuidade. Outros princípios que norteiam o SUS é atuar de maneira descentralizado, ser racional, ser democrático, ser eficiente e eficaz. Sabe-se que o Brasil é um país com um vasto território e fica difícil construir hospitais de qualidade em todos os lugares. São mais de 190 milhões de pessoas e a maioria da população possui baixa renda, ou seja, não tem dinheiro, formação escolar de qualidade, saneamento básico de qualidade (ou não possui) e contam com o SUS, ou seja, essa grande parcela da população usa o sistema de saúde pública, o que sobrecarrega os hospitais e torna o atendimento deficiente.

Tendo em vista essa deficiência, por diversos motivos, a sociedade e os meios de comunicação buscam alternativas de protesto ou formas de expor essa problemática vivida pela população diante ao atendimento precário do SUS. O gênero textual Charge é comumente utilizado para transmitir uma visão crítica sobre determinado assunto que esteja sob alvo de discussões na sociedade.

5.2. CHARGE 2

Figura 2- morte da saúde



Fonte: <https://alunosanalisesclinicas.wordpress.com>. Acessado em: 14/06/2016

5.2.1 Ponto de vista qualitativo icônico

Na figura 2, observam-se dois esqueletos humanos carregando, em uma maca, a palavra "Saúde". A palavra saúde está cheia de trincas, quebrados e rachaduras. Observa-se, também, um número grande de remendos que feitos por

esparadrapo em forma de cruz. Mostram-se, também, pedaços caindo dessa palavra. Os dois esqueletos que estão carregando esta palavra, apresentam-se em colorações pálidas com tons de preto. As suas expressões “faciais” são de pesar, visualizada no esqueleto da esquerda que mostra franzida a cavidade onde ficariam os olhos.

5.2.2 Ponto de vista singular-indicativo

As caveiras representam as pessoas que trabalham no atendimento de clientes na área da saúde. A palavra saúde como está representada com rachaduras e esparadrapos remete às condições precárias do sistema de saúde do país.

5.2.3 Ponto de vista convencional-simbólico

A imagem demonstra que a saúde no país, encontra-se em estado de decomposição que é sugerida pelos pedaços que caem da palavra saúde na imagem. As cores pretas e brancas, tanto da palavra saúde quanto dos esqueletos, demonstram a morte da saúde no Brasil, em modo geral, pois a imagem não só pode representar a saúde pública como também, pode representar a saúde privado que vem sofrendo crises severas. Em consequência a “morte” da saúde, os pacientes/usuários a espera de atendimento também morrem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As charges são signos que representam uma excelente forma de discurso verbal e não-verbal voltado para criticar a qualidade do atendimento no país em relação a saúde. O receptor/leitor passa a refletir sobre a problemática vivida em relação ao assunto saúde, especificamente saúde pública. Esses signos abrem de forma explícita a mente para que consiga refletir sobre a problemática que a sociedade atual vivencia. Além de fazer compreender o quanto a política no país desde há muito tempo tornou-se injusta e corrupta. Portanto, as Charges contribuem para uma melhor compreensão, abrindo um leque de informações que podem levar a população lutar pelos direitos e criticar os órgãos municipal, estadual ou federal ao ponto de requerer seus direitos como cidadãos de bens, pois o SUS tem entre seus princípios básicos a universalidade do atendimento, proporcionando à população

brasileira o acesso as ações e aos serviços de saúde, que acontecem através de entidades vinculadas ao sistema, observando os princípios da equidade, da integralidade, da resolutividade e da gratuidade.

Nesse sentido, a partir das duas charges representadas no texto anterior, verificou-se que muitos direitos são negados. Vive-se num país que apresenta alto índice de imposto e a população brasileira tem que viver sob uma política que nega, praticamente todos os direitos. Uma política injusta, corrupta que concentra uma grande fortuna nas mãos de banqueiros, empresários e deixa toda população a mercê de um sistema de saúde fragilizada, sem infraestrutura adequada. Essa é a realidade de um país que não respeita os cidadãos de bens. Todos aqueles que suportaram a pesada carga e que na idade avançada, esperam em receber um atendimento digno e de qualidade. Pelo contrario, são todos vitimas de um péssimo atendimento, jogados e lançados em hospitais que não possuem a mínima condição de receber os pacientes. Falta de equipamento, de leitos e filas que parecem não ter fim. Essa é a atual realidade do SUS.

Portanto, tendo em vista as duas charges descritas na abordagem dos textos ficam evidentes considerar que apesar dos sorrisos que podem favorecer ao observar a situação existente na fila do SUS, mostram no fundo que a política brasileira deve passar por uma reforma seria, necessitando de uma consciência muito mais profunda para contornar a problemática presente na sociedade, onde o direitos dos cidadãos estão sendo negados.

REFERÊNCIAS

DIONÍSIO, Â. P. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). **Gêneros textuais**: reflexões e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

DIONISIO, A. P. Multimodalidade discursiva na atividade oral e escrita (atividades). In: MARCUSCHI, L. A.; DIONISIO, A. P. (Org.). **Fala e Escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

KOCH, I. G. V. **A Argumentação e Linguagem**. 6 Ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos Discursos**. Curitiba: Criar Edições, 2008.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais. In.: KARWOSKI, A. M., GAYDECZAKA, B., BRITO, K. S (Orgs). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Palmas e União da Vitória, PR: Kaygangue, 2005.

MOUCO. M. A. T. **Leitura, análise e interpretação de charges com fundamentos na teoria semiótica**. Disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1104-4.pdf>, acesso em 04.02.2017

NÖTH, Winfried. **Panorama da semiótica: de Platão a Peirce**. São Paulo: Annablume, 2003.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso – Princípios & Procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. 4 Ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2010.

SALIBA, E. T. **Raízes do Riso**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

_____. **O que é Semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. **A teoria geral dos signos**. São Paulo: Editora Pioneira, 2000.

SILVEIRA, D. T. CÓRDOVA, F. P. **A pesquisa científica**. In: GERHARDT, T. E. 2009.

Figura 1 < <http://cf2012-8f-grupo03.blogspot.com.br>. > Acesso em: 25/06/2016

Figura 2 < <https://alunosanalisesclinicas.wordpress.com..> > Acesso em: 14/06/2016.